

O pequeno herói, Dostoiévski e Rimbaud

Alberto Martins¹

Há uma passagem em *O pequeno herói*,² de Dostoiévski, na qual o protagonista tem sua profunda devoção por Madame M* exposta e ridicularizada aos olhos de todos os presentes. “Sufocando de vergonha”, ele dá um passo à frente e protesta; então, incontinente, “prestes a enlouquecer de horror, e, queimando como pólvora”, precipita-se para fora do salão e tranca-se no quarto, onde, a cara no travesseiro, permanece “surdo e impassível, como só um menino de onze anos é capaz”.

Ele acaba de ser ferido no ponto mais sensível de sua existência: o amor que sente por Madame M* é também o motor que irriga a consciência de si e de sua própria dignidade. Tudo isso, até então protegido dos olhos do público por um sentimento de pudor, acaba de ser “destroçado, aniquilado”.

Era a primeira vez na vida que experimentava uma dor grave, o ultraje e a ofensa. [...] Eu, uma criança, tivera um primeiro sentimento, ainda vago e inexperiente, grosseiramente ultrajado, tivera meu primeiro sentimento de pudor fragrante e virginal tão cedo exposto e profanado, e minha primeira impressão estética, talvez muito séria, ridicularizada.

Dando um salto, acredito que é uma percepção de natureza muito semelhante que está por trás da formulação de Rimbaud – “A última inocência e a última timidez” – , no quarto fragmento da *Temporada no inferno*. A personagem de Dostoiévski terá duas oportunidades para reparar a ofensa, resgatar a dignidade e recompor de certo modo o equilíbrio do mundo: a primeira, em público, quando cavalga o garanhão impetuoso e é aclamado “um cavaleiro, um herói”; a segunda, no jardim, na intimidade

¹ Alberto Martins é escritor e artista plástico. Publicou, entre outros, os livros de poemas *Cais* (2002) e *Em trânsito* (2010); e as ficções *A história dos ossos* (2005) e *Lívia e o cemitério africano* (2013, prêmio APCA de Melhor Romance do ano). Trabalha como editor em São Paulo.

² Escrita entre julho e dezembro de 1849, a novela só seria publicada em agosto de 1857. Os trechos citados foram extraídos da tradução de Fátima Bianchi, *O pequeno herói* (São Paulo, Editora 34, 2015).

velada com o alvo de sua devoção, quando devolve “anonimamente” a Madame M* a carta comprometedora.

Para Rimbaud, porém, o gesto de heroísmo galante não é mais historicamente possível; portanto, não é o caso de restaurar o equilíbrio do mundo, mas sim de transtorná-lo. (“Agora emprego as minhas forças para me tornar o mais crápula possível.” “Imagine um homem implantando e cultivando verrugas no rosto.” “Trata-se de tornar a alma monstruosa.” “[o poeta] esgota em si mesmo todos os venenos.” “Tua memória e teus sentidos serão apenas o alimento de teu impulso criador. Quanto ao mundo, quando tiveres partido, no que terá se transformado? Em todo caso, nada das aparências atuais.”³ Etc. Etc. Etc.)

Dostoiévski compreendeu isso e, a partir das *Memórias do subsolo* (“Sou um homem doente... Um homem mau. Um homem desagradável.”),⁴ também se converteria num grande especialista em venenos.

³ Verti, com alguma liberdade, passagens de Rimbaud extraídas da carta a Paul Demeny (15 de maio de 1871) e da *Temporada no inferno* (1873).

⁴ A fala inicial do narrador das *Memórias do subsolo* é da tradução de Boris Schnaiderman (São Paulo, Editora 34, 2000).